



Os acervos literários e a construção do texto biográfico: o caso Cyro Martins

The Literary Collections and the Construction of the Biographical Text: The Case Cyro Martins

Luiz Antonio de Assis Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

CNPq

1945assisbrasil@gmail.com

Maria Eunice Moreira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

CNPq

mem.poa@terra.com.br

Fábio Varela Nascimento

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

fv.nasci@gmail.com

Resumo: Este trabalho aborda a relevância dos acervos literários no processo de construção de textos biográficos – especialmente no caso da escrita da biografia do psicanalista e escritor gaúcho Cyro Martins (1908-1995). Em um primeiro momento, o foco do artigo recai sobre a importância dos materiais preservados no Acervo Cyro Martins, localizado no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –, para a escrita de uma futura biografia. Depois, são ressaltadas as potencialidades de outros acervos guardados no Delfos, pois Cyro Martins se relacionou de alguma forma com figuras intelectuais cujos

arquivos também estão preservados na instituição: Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas e João Otávio Nogueira Leiria.

Palavras-chave: acervos literários; construção biográfica; Cyro Martins.

Abstract: This work deals with the relevance of literary collections in the process of constructing biographical texts – especially in the case of writing the biography of psychoanalyst and writer Cyro Martins (1908-1995). At first, the article focuses on the importance of the materials preserved in the Cyro Martins Collection, located at Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural of the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, for writing a biography in the future; secondly, the potentialities of other collections stored in Delfos are highlighted, as Cyro Martins has related in some way to intellectual figures whose archives are also preserved in the institution: Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas and João Otávio Nogueira Leiria.

Keywords: literary collections; biographical construction; Cyro Martins.

Em “Arquivos literários, entre o público e o privado”, Reinaldo Marques (2015, p. 31) afirma que a incursão por esses arquivos “constitui etapa indispensável da pesquisa literária hoje, sobretudo se se buscar algum nível de ‘originalidade’”. Tal comentário está atrelado a outros dois pensamentos do autor: a necessidade de os estudos literários extrapolarem o texto e a heterogeneidade proporcionada pelos arquivos. Esse traço heterogêneo dos acervos literários deve ser abordado com mais ênfase, pois está relacionado tanto à busca de originalidade quanto às potencialidades exploradas em pesquisas: manuscritos, datiloscritos, cartas, documentos pessoais, jornais, recortes, fotografias, bibliotecas e objetos podem ser o alvo e o complemento de trabalhos que tratem do processo criativo, das relações, das leituras e da vida de escritores.

Na elaboração do texto biográfico que contempla um escritor, se o pesquisador é um daqueles biógrafos que León Edel (1990, p. 47) chamou de “tardios” – que escrevem após a morte do biografado –, o acervo do personagem escolhido é fundamental. Junto aos depoimentos sobre o sujeito e às obras que ele publicou, os rastros deixados em seu arquivo auxiliarão o biógrafo a interpretar um indivíduo, a “refazer um universo perdido” (DOSSE, 2015, p. 55) e a preencher as lacunas que permeiam a maioria das existências.

É possível exemplificar a importância do arquivo literário para a construção biográfica com o caso do psicanalista e escritor Cyro Martins (Quaraí, RS, 1908; Porto Alegre, RS, 1995). Conhecido por ser um dos introdutores da psicanálise no Rio Grande do Sul e por ser o autor da *Trilogia do gaúcho a pé*, composta por *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), Cyro publicou mais de dezesseis livros de ficção. Depois de sua estreia com os contos de *Campo fora*, em 1934, ele passou pelo romance de cunho social que formou a trilogia, pela narrativa autobiográfica e memorialística (*Mensagem errante*, 1942; *O professor*, 1988; *Para início de conversa*, 1990) e pelo romance histórico (*Sombras na correnteza*, 1979; *Gaúchos no obelisco*, 1984). Além disso, ele também se dedicou à crítica literária (*Escritores gaúchos*, 1981) e ao ensaio científico (*Do mito à verdade científica*, 1964; *O mundo em que vivemos*, 1983; *A mulher na sociedade atual*, 1984; *Caminhos – ensaios psicanalíticos*, 1993). Desde 2008, o Acervo Cyro Martins está sob a guarda do Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A instituição recebeu dos herdeiros de Cyro originais (manuscritos e datiloscritos), documentos pessoais (carteiras de identificação e de trabalho, título de eleitor, certidões e outros), fotografias, quadros, móveis (poltrona e divã do consultório), correspondências, coleções de periódicos e de recortes de jornais e biblioteca com mais de três mil volumes.¹

Os variados materiais que compõem o Acervo Cyro Martins indicam as facetas do autor e revelam algumas das decisões que ele tomou durante a vida. A biblioteca mostra que Cyro era um leitor eclético, que apreciava as literaturas portuguesa e latino-americana, a crítica literária, as biografias e os textos históricos. Como todas as pessoas, ele tinha suas preferências, assinaladas, sobretudo, com marcas de unha nas margens, pois não era dado à prática de riscar seus livros. As edições de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, de *Ariel*, de José Enrique Rodó, de *Ensaio de psicanálise* e *A psicologia profunda ou Psicanálise*, de Júlio Porto-Carrero, das obras de Alcides Maya e de Sigmund Freud estão entre as escolhidas.

¹ Todos os materiais estão organizados e acondicionados no Delfos, localizado no 7º andar da Biblioteca Central da PUCRS. Parte da biblioteca do Acervo Cyro Martins está catalogada e pode ser visitada em: <http://www.pucrs.br/delfos/>.

Os manuscritos e os datiloscritos de Cyro trazem poucas rasuras e indícios de reescrita. Os originais de *Sombras na correnteza* e *Gaúchos no obelisco*,² por exemplo, são praticamente limpos. Isso não significa, entretanto, que as edições dos livros fossem publicadas sem imprecisões de linguagem e problemas que envolvessem personagens, estrutura e desenvolvimento narrativo. Os equívocos poderiam derivar de um dos hábitos que rodeavam a criação de Cyro. Ele costumava dizer que era um “escritor bissexto” e fazia literatura “no rabo das horas” (INSTITUTO..., 1984, p. 6) – quando desse tempo, tivesse intervalos entre consultas, folgas em sábados e domingos, férias de verão. Nesse aproveitamento de minutos e horas, ele costumava interromper a escrita no momento em que os compromissos chegavam e, depois de feitas as obrigações, retomava o texto do ponto em que o deixara, sem espaço para revisões, retomadas ou incertezas.

Os itens do Acervo Cyro Martins também falam um pouco sobre a vida íntima e a conduta política do escritor e psicanalista. No tocante às escolhas pessoais, a certidão de seu segundo casamento, realizado em Rivera, no Uruguai, em dezembro de 1948, é uma pista significativa para o biógrafo que pretende contar a trajetória de Cyro. Há muitas lacunas sobre os caminhos que ele tomou entre 1945 e 1949.

Na profissão, continuava a oferecer atendimentos particulares aos clientes que o procurassem no consultório e a ser um médico alienista concursado do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Localizada na caixa 17 do arquivo, a cópia da ficha funcional de Cyro na instituição cobre seus vinte anos de atividade (de 1938 a 1958) e, para os anos 1945-1949, registra somente uma ocorrência incomum: a portaria 418 de 15 de abril de 1946 lhe concedeu licença de um ano, mas o afastamento foi interrompido pouco depois, em 16 de junho. Na literatura, ele alcançou a melhor fase desde que estreara em 1934, pois a publicação de *Porteira fechada*, em 1944, colocou seu nome entre os mais vendidos da Livraria do Globo e assegurou sua posição no sistema literário gaúcho.

No plano familiar, a situação descarrilava e se enchia de sombras. A primeira esposa começou a sofrer com uma grave doença mental e os conflitos com a sogra, presentes já no início do matrimônio, atingiram o ápice. As informações a respeito desse período são imprecisas e difíceis

² Os manuscritos e os datiloscritos de Cyro podem ser encontrados nas caixas 8-15 do Acervo Cyro Martins.

de se detectar – Cyro pode ter tirado a licença de 1946 para acompanhar a mulher em um tratamento em Buenos Aires, a separação pode ter ocorrido entre o fim de 1947 e o início de 1948. As cronologias sobre a vida de Cyro disponíveis no fascículo “Cyro Martins” dos *Autores gaúchos*, organizado por Carlos Jorge Appel (1984, p. 10-18), na biografia *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*, de Celito De Grandi e Nubia Silveira (2008, p. 214-215), e no site do Centro de Estudos Literários e Psicanalíticos Cyro Martins (CELPCYRO)³ trazem poucos dados acerca da época e apenas exibem 1949 como o ano do novo casamento. Não se conhecem os motivos que levaram os três trabalhos a errarem a data de um episódio tão relevante. Talvez não tenha havido acesso ao documento, talvez Cyro tenha se atrapalhado com os anos em alguma ocasião – são inúmeras as variáveis. O importante é que a fonte preservada no Acervo firma um ano, tira a dúvida e joga luz sobre uma parte obscura do cenário. Isso é imprescindível para o biógrafo que necessita de dados confiáveis e deseja entender a dinâmica familiar na qual o biografado estava inserido.

Em seus romances de caráter histórico e autobiográfico, Cyro, sujeito que viveu em época de ebulções políticas no Brasil e no exterior, sempre deixou clara sua inclinação pela oposição. No Rio Grande do Sul das primeiras décadas do século XX, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), personalizado na figura de seu chefe, Antônio Augusto Borges de Medeiros, dominava o governo estadual. Appolinário Martins, pai de Cyro, era um dissidente do PRR contrário à administração borgista. O filho seguiu a orientação paterna e, nos episódios que iniciaram com as eleições regionais de 1922, após acelerar seu “processo de politização, através da leitura de jornais, sobretudo o *Correio do Povo* e o *Correio do Sul*” (MARTINS; SLAVUTZKY, 1990, p. 53), decidiu-se pelo lado de Joaquim Francisco de Assis Brasil e, posteriormente, pelo do Partido Libertador. Essa opção política pode ser vista com clareza em alguns de seus livros – *Sem rumo*, *Mensagem errante*, *Sombras na correnteza*, *Gaúchos no obelisco*, *O professor* – e em uma das fotografias acondicionadas na caixa 17 do arquivo: de lenço vermelho e pala, o Cyro adolescente participa de um piquenique assisista ocorrido entre o final de 1923 e o início de 1924.

³ Cf. a síntese biobibliográfica do autor no seguinte endereço eletrônico: http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=809&Itemid=55.

Depois da fase libertadora, do envolvimento na Revolução de 1930 como voluntário que pouco ou nada fez, do desgosto em relação aos rumos revolucionários, da reprovação ao Estado Novo varguista e aos partidos de cariz fascista, em um mundo polarizado após a Segunda Guerra Mundial, Cyro simpatizou com o ideário comunista. Nada comprova sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), mas, no acervo, existem documentos que mostram a aproximação de Cyro com o grupo que atuava em Porto Alegre entre o final do primeiro governo Vargas e durante o governo de Eurico Gaspar Dutra. Na caixa 17, entre seus papéis pessoais, há uma cópia autenticada do estatuto do Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, uma agremiação fundada em Porto Alegre no ano de 1945 por intelectuais gaúchos ligados ao PCB. Conforme Marisângela Martins (2012, p. 189), o Clube funcionava na sede da Sociedade Espanhola e tinha a “finalidade de difundir a cultura popular em diversas modalidades: política, econômica, artística e científica”. Entre seus conferencistas estavam, além de Cyro, Dyonélio Machado, Álvaro Moreyra e Jorge Amado.

O Acervo Cyro Martins oferece outras marcas sobre a atividade do escritor. Se manuscritos, datiloscritos e blocos abrem possibilidades para estudos que contemplem a crítica genética e a crítica textual, documentos de acordos com as editoras são relevantes para se investigar o grau de integração de um autor no jogo literário. O contrato de edição de *Mensagem errante*, firmado em 23 de abril de 1942 com a Livraria do Globo, é ilustrativo nesse sentido. Pelo tratado, o autor cedia aos editores “o direito de publicar, reproduzir e difundir em língua portuguesa o livro de sua propriedade” – *Mensagem errante* – cujos originais foram entregues no ato da assinatura do contrato. A Globo poderia decidir o “tipo da impressão” e tudo que dissesse respeito “à forma material de apresentação do livro” e ao seu preço de venda. A impressão inicial do livro seria de 2000 exemplares, sendo que o autor teria o “direito de receber gratuitamente 30”. Ele ainda era obrigado a fazer “emendas e alterações necessárias” na obra, sem qualquer tipo de indenização. A cláusula referente aos pagamentos não deixava espaço para interpretações: “Os editores pagarão ao autor, pela edição ora contratada, a percentagem de (10%) DÉZ por cento sobre o preço de venda”. Ele só receberia o percentual “depois de vendidas DUAS TERÇAS PARTES da impressão inicial” e, daí para a frente, “por ocasião do Balanço dos editores, em

Setembro de cada ano, na proporção dos exemplares vendidos”.⁴ O biógrafo que se depara com esse registro pode delinear um momento relevante da carreira de Cyro e entender que ele não era uma das principais apostas da Globo, mas recebia suas oportunidades.

Como intelectual que desejava ver sua obra lida e discutida, Cyro procurava construir uma teia de relações com leitores e colegas escritores. Pertinentes para a visualização do lugar ocupado pelo autor na cena literária estadual e nacional, as buscas por contatos e opiniões ficam expostas quando observadas algumas unidades do reduzido conjunto de correspondências preservado no acervo.

Duas cartas de pessoas próximas a Cyro citam *Mensagem errante*, de 1942, e *Porteira fechada*, de 1944. A primeira delas foi enviada de Quaraí, em dezembro de 1942, por Ivo Martins, irmão mais velho do escritor. Ivo não teve receios de elogiar a obra: “Magnífico! Sem dúvida o melhor dos que escreveste e o melhor dos que tenho lido ultimamente” (MARTINS, 1942, p. 1).⁵ Os aplausos do irmão são interessantes e provocam elucubrações acerca da relação dos dois, mas não são os elementos mais importantes da missiva. Em três passagens, Ivo enfatizou o traço autobiográfico de *Mensagem errante* – traço que Cyro relutava em admitir: “Vivi, através suas páginas, muitas das horas e de instantes que nos foram comuns. [...] O Carlos [protagonista] é o retrato do autor... [...] Afora tu, quem poderá compreender e sentir, mais do que eu, aquele maravilhoso capítulo da primeira tarde, de ocaso e de luz, no pátio do ginásio?” (MARTINS, 1944, p. 1). Depois de fazer um breve exercício crítico e de apontar o tom autobiográfico do romance, Ivo fala (MARTINS, 1944, p. 1-2) do público quaraiense. Segundo ele, seria fácil vender “uns cem volumes” por lá, pois a curiosidade era grande e “toda a gente” procurava lê-lo. Para dar mostras do que afirmava, ele citou leitores: José Salánky estava “entusiasmadíssimo” e mandaria uma “crítica sincera” por carta; Ascânio tinha começado a leitura recentemente, mas pretendia apreciar a obra em um texto no *Jornal da*

⁴ Todas as citações foram retiradas do documento “Contrato de Edição” (2 folhas), localizado no Acervo Cyro Martins (Caixa 17).

⁵ A carta de Ivo para Cyro pode ser encontrada no Acervo Cyro Martins (Caixa 18). As citações foram retiradas do documento composto por uma folha, datilografada na frente e em parte do verso.

Fronteira; alguém de apelido Cadocho estava “encantado com a leitura” e não a terminou porque, em sua casa, o exemplar era “muito disputado”.

Em 26 de abril de 1944, o amigo e colega de profissão José Salánky falou para Cyro sobre a recepção, em Quaraí, de *Porteira fechada* e “Será este o nosso estado?” – reportagem publicada pela *Revista do Globo* em março do mesmo ano que abordou o drama do gaúcho a pé e contou com a colaboração de Cyro. Pela letra quase incompreensível de Salánky, sabe-se que o romance dividiu a cidade em dois partidos: os anticyristas e pró-cyristas. Partidário do último grupo, Salánky anunciou que não pretendia discutir os comentários dos adversários, mas foi o que acabou fazendo: os anticyristas, com “uma inteligência sutil”, achavam que Cyro e a *Revista do Globo* pretendiam “esbodegar a cidade” (SALÁNKY, 1944, p. 1). Aos olhos dos contrários, Quaraí se desenvolvia vertiginosamente e Cyro não podia escrever apenas acerca de “meia dúzia de vagabundos e rancherios” (SALÁNKY, 1944, p. 1). Ainda no tocante à repercussão de “Será este o nosso estado?” e *Porteira fechada*, Salánky se referiu àquelas pessoas – anticyristas, é claro – que viam “interesses partidários” (SALÁNKY, 1944, p. 1) na matéria e no romance.⁶

A leitura dos familiares e amigos interessava a Cyro, mas, provavelmente, ele estivesse mais ansioso pelo retorno de intelectuais de fora do seu círculo e do universo regional. O autor ou a Livraria do Globo enviou *Porteira fechada* para escritores cariocas e mineiros. Não se conhecem todos os nomes que receberam o trágico romance de João Guedes. Dois deles, porém, deram retorno: Cyro dos Anjos e Marques Rebelo. Em 16 de junho de 1944, Cyro dos Anjos arranhou tempo entre as aulas de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais para enviar um telegrama ao homônimo: “Venho agradecer ao caro confrade gentileza oferta exemplar de *Porteira fechada*, admirável romance em que nos põe em contato com a existência áspera do camponês gaúcho e os problemas sociais da campanha rio-grandense” (ANJOS, 1944, p. 1).⁷ Aquele “admirável romance” poderia significar muitas coisas. Cyro dos Anjos realmente leu *Porteira fechada* e o considerara admirável; leu, mas não sabia o que dizer e escolheu palavras escorregitas;

⁶ A carta de José Salánky se encontra no Acervo Cyro Martins (Caixa 18). As citações foram retiradas do documento composto por duas folhas manuscritas.

⁷ O telegrama de Cyro dos Anjos se encontra no Acervo Cyro Martins (Caixa 18).

não leu e não quis deixar a gentileza do “confrade” passar em branco. Já Marques Rebelo (1944, p. 1), em carta de 20 de junho de 1944, fornecia pistas de como o livro chegara às suas mãos – “Por intermédio do nosso amigo Maurício, que está trabalhando muito por você aqui, como já devia há mais tempo ter sido feito, recebi seu último romance *Porteira fechada*” – e trazia indícios de uma leitura atenta:

Seria escusado mandar adjetivos aos teus méritos de romancista, mais do que isso, de escritor [...] Há principalmente uma coisa no seu último livro que me agrada muito – limpeza. Limpeza no sentido que os ensaiadores teatrais, dignos desse nome, encaram o último ensaio do espetáculo – tudo certinho, sem mais e sem menos. (REBELO, 1944, p. 1).⁸

Os passatempos e os lazeres de Cyro, que são tão importantes para um biógrafo quanto as questões familiares, os rumos profissionais e as relações literárias, também têm lugar no acervo. Boa parte das fotografias da caixa 19 estampa o mês de férias em uma das praias do litoral gaúcho e as grandes festas promovidas nos aniversários do psicanalista. Os vestígios de sua relação com o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que começaria a se manifestar na década de 1920 e o acompanharia até seus últimos dias, no final de 1995, são observados na carteira de sócio do ano de 1968 – temporada em que o time ganhou o último título regional de uma série de sete.

Os poucos itens do Acervo Cyro Martins citados até aqui mostram o quão valioso é o material preservado no Delfos. Se quiser lidar de modo honesto e competente com o gênero que François Dosse (2015, p. 55) classifica como impuro e se propuser a estruturar uma vida singular a partir de dados e fontes disponíveis, o biógrafo de Cyro deve passar pelo espaço de documentação e memória cultural mantido pela PUCRS. É claro que um biógrafo também precisa entender que os seres humanos não guardam “todas as maçãs” de sua “cesta pessoal” (ARTIÈRES, 1998, p. 11), visitar os lugares caros ao biografado – onde nasceu, estudou, morou, trabalhou –, explorar os arquivos que estiverem ao seu alcance e averiguar todas as pistas que possam auxiliá-lo na reconfiguração do sujeito e seu tempo. No caso de Cyro, as buscas se expandiriam pelas cidades de

⁸ A carta de Marques Rebelo se encontra no Acervo Cyro Martins (Caixa 18). As citações foram retiradas do documento composto por uma folha datilografada e assinada.

Quaraí, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Buenos Aires, pelos arquivos do Colégio Anchieta, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do Hospital Psiquiátrico São Pedro, da Associação Psicanalítica Argentina (APA), do jornal *Correio do Povo*, do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS. Em graus diferentes, todos esses locais são relevantes para a construção da biografia de Cyro Martins. O Delfos, entretanto, ganha protagonismo nesse processo. Isso não se dá somente pelo fato de o Acervo Cyro Martins estar abrigado na instituição, mas também pela potencialidade dos outros arquivos do espaço, pois lá estão preservados os acervos de Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas e João Otávio Nogueira Leiria. Esses cinco personagens são essenciais para o estudo do sistema literário⁹ gaúcho entre o período de 1930 e 1950 e, de algum modo, ligam-se à figura de Cyro Martins.

Também natural de Quaraí, Dyonélio Machado (1895-1985) ganhou projeção nacional em 1935, quando seu romance *Os ratos* se tornou um dos agraciados pelo Prêmio Machado de Assis. De gerações diferentes, Cyro e Dyonélio não se relacionaram na cidade natal, mas se aproximaram na década de 1930, uma vez que tinham afinidades políticas, literárias e profissionais – Machado era outro médico que atuava no Hospital São Pedro. Dyonélio avaliou a obra de Cyro no ensaio “Os fundamentos econômicos do regionalismo” – publicado em setembro de 1945, no primeiro número do periódico *Província de São Pedro* –, destacou o autor de *Porteira fechada* como um localista (ficcionalista com um olhar mais crítico do que os regionalistas) e o apoiou quando ele se aventurou, em 1949, na direção da revista *Horizonte*. No Acervo Dyonélio Machado há poucas pistas sobre a trajetória de Cyro, sendo que a mais saliente foi dada pelo próprio Cyro. Em depoimento sobre Dyonélio gravado em julho de 1990, ele contou um episódio passado em Quaraí: após a prisão de Dyonélio em 1935 por motivos políticos, quando parte dos quaraíenses olhava com desconfiança para a recém-chegada Adalgiza, esposa do criador de Naziazeno, Cyro a visitou para saber notícias do amigo. A história diz muito a respeito do comportamento

⁹ Aqui, a visão de sistema dialoga com a “Teoria dos polissistemas”, de Itamar Even-Zohar, que indica ser um sistema algo “dinâmico e heterogêneo” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 3). Assim, haveria o sistema dos escritores, das editoras, das livrarias, dos críticos e de todos aqueles que participassem do jogo literário.

político e social de Cyro, além de reforçar uma imagem recorrente que ainda se tem dele: a do bom amigo.

Em termos de amizade, a poeta e professora Lila Ripoll (1905-1967) era mais próxima de Cyro. Formada em piano pelo Conservatório de Música de Porto Alegre, ela militou nas fileiras do PCB e foi fundamental na organização da classe docente gaúcha. Lila esteve ao lado de Cyro como colaboradora ativa no início da *Horizonte* e depois, no momento em que ele precisou deixar a revista, ela tocou o projeto. Dentre suas publicações poéticas (*De mãos postas*, 1938; *Céu vazio*, 1941; *Por quê?*, 1947; *Novos poemas*, 1951; *Primeiro de maio*, 1954; *Poemas e canções* 1957; *O coração descoberto*, 1961; *Águas móveis*, 1965), *Céu vazio* foi a que recebeu o maior reconhecimento da crítica, principalmente depois de ser galardoada com o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. Cyro escreveu sobre Lila em três oportunidades:

“*Céu vazio*”: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll, veiculado na *Revista do Globo* de 26 de julho 1941, “Lila Ripoll”: mil vidros partidos, inserido em *Rodeio* – estampas e perfis, de 1976, e “Lila Ripoll”, editado em *Páginas soltas*, de 1994. O Acervo Lila Ripoll possui um número reduzido de materiais e os rastros de Cyro são quase inexistentes. A exceção é uma cópia dos *Cadernos da Horizonte*,¹⁰ espécie de folheto literário publicado em 1954 e vinculado ao periódico, que agora contava com o nome de Cyro em seu Conselho de Redação.

O advogado, crítico literário e, por vezes, historiador Moysés Vellinho (1901-1980) não era tão próximo de Cyro quanto Lila e Dyonélio, mas em seu arquivo existem informações importantes acerca dos lançamentos do romancista. Vellinho ganhou reputação de crítico com textos como *Machado de Assis: aspectos de sua vida e de sua obra* (1939), *Letras da Província* (1944) e *Eça de Queirós e o espírito de rebeldia* (1945) e, de 1945 a 1957, ficou à frente da *Província de São Pedro*, um dos grandes empreendimentos culturais da Livraria do Globo. Pela sua justificada fama de crítico e pela posição influente na Globo, Moysés Vellinho era sempre um leitor procurado pelos escritores. Sabendo disso, Cyro enviava seus livros para Vellinho na primeira oportunidade que aparecesse. Graças a essa prática e à conservação da biblioteca de Vellinho no Delfos, é possível ter contato com a rara primeira edição de

¹⁰ A cópia de *Cadernos da Horizonte* se encontra no Acervo Lila Ripoll sob a catalogação ALR 869.9917 R592p.

Sem rumo, feita pela Ariel, do Rio de Janeiro, em 1937, e indicar uma data aproximada de duas publicações de Cyro. Na folha de rosto de *Mensagem errante*, o autor fez uma dedicatória: “Ao Moysés Vellinho, com a simpatia e a admiração do Cyro Martins. P. Alegre, 14-XII-42”.¹¹ Corrido menos de um ano, Cyro veria o resultado dos envios de livros para Vellinho. No número inaugural da *Província de São Pedro*, dirigida por Moysés Vellinho, “Paz nos campos...”, o primeiro ensaio assinado pelo crítico na nova revista, abordava *Porteira fechada*. Anos mais tarde, Moysés Vellinho incluiria em *Letras da Província* o artigo “Itinerário de um romancista”, que contemplaria *Campo fora*, *Sem rumo*, *Enquanto as águas correm*, *Mensagem errante* e *Porteira fechada*.

Manoelito de Ornellas (1903-1969), um intelectual dividido entre o jornalismo, a poesia, o magistério e a produção ensaística, também recebeu *Mensagem errante* com uma dedicatória protocolar: “Ao Manoelito d’Ornellas, com amizade e admiração do Cyro Martins. P. Alegre, 14-XII-42”.¹² Ornellas era outro leitor importante para os escritores gaúchos. Ele ocupou diversos cargos – a direção da Biblioteca Pública, a administração da Imprensa Oficial e do *Jornal do Estado*, a presidência da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), a chefia do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), as cátedras de Literatura Hispano-Americana e de Cultura Ibérica na Faculdade de Filosofia da UFRGS –, era um formador de opinião e tinha uma rede de contatos que ultrapassava as fronteiras do Estado. Não é possível estabelecer o período em que Manoelito e Cyro começaram a se relacionar. Porém, em um recorte de jornal colado na folha 65 do Caderno 1 do Acervo Manoelito de Ornellas, há um indício da aproximação. Manoelito retirou do *Correio do Povo* de 31 de outubro de 1940 o texto “Tradições e símbolos”, no qual Cyro elogiava a palestra que Ornellas dera dias antes no Instituto de Educação.¹³ Outro item do Acervo Manoelito de Ornellas mostra que as gentilezas entre os dois continuaram. Em um

¹¹ Os exemplares de *Sem rumo* e *Mensagem errante* se encontram na biblioteca do Acervo Moysés Vellinho sob as catalogações MOV 869.9937 M386s e MOV 869.9937 M386m.

¹² O exemplar de *Mensagem errante* se encontra no Acervo Manoelito de Ornellas sob a catalogação MOR 869.9937 M386m.

¹³ O recorte pode se encontra no Acervo Manoelito de Ornellas sob a catalogação MOR CLI 0145.

momento anterior, Manoelito pediu a Cyro uma colaboração para a *Lanterna Verde*, o boletim anual da Sociedade Felipe D'Oliveira. Escrita à mão em uma folha de receituário, a resposta de Cyro é direta: por ser “avisado em cima do laço”, não pôde preparar nada “especial para a simpática *Lanterna Verde*” (MARTINS, 1943, p. 1). Para não ficar de fora do número dedicado ao Rio Grande do Sul, Cyro sugeriu a publicação de “Conto sem nome” ou de qualquer outra narrativa que agradasse a Ornellas. O bilhete ainda chama a atenção de quem pretende reconstruir os caminhos de Cyro por trazer seus endereços da época: “Consultório: Ed. Rio Branco – Av. Otávio Rocha, 116 – das 9:30 às 11:30 – Telef. 7966 – Resid.: Santa Terezinha, 374 – Telef. 9-1697.”¹⁴

Ao contrário de Manoelito de Ornellas, o advogado e poeta João Otávio Nogueira Leiria (1908-1972) era próximo de Cyro. A amizade entre eles começou quando viviam a adolescência em Porto Alegre e pulavam de pensão barata em pensão barata. Cyro acompanhou a escrita de *Campos de areia*: poesia crioula, publicado por Leiria em 1932, e Leiria fez o mesmo no tocante a *Campo fora*. No Acervo João Otávio Nogueira Leiria há livros, textos recortados e cartas de Cyro Martins, sendo a relação epistolar a parte que gera mais interesse no pesquisador da vida do psicanalista. Como assinalou Cibele Freitas (2009, p. 75), Cyro era um dos mais destacados “correspondentes” de Leiria. Tal fato se nota pela preservação de dez missivas enviadas pelo quaraíense. Datadas com os anos de 1933, 1935, 1937, 1952, 1954 e 1968 e marcadas com diferentes cidades de envio (Quaraí, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Buenos Aires), elas tratavam, principalmente, de temas literários, mas também mencionavam situações familiares, amorosas e profissionais.

Em carta de 20 de maio de 1933, por exemplo, Cyro contou a Leiria que Augusto Meyer estava intercedendo junto a Henrique Bertaso, chefe da Seção Editora da Livraria do Globo, para que *Campo fora* fosse publicado pela casa. A mensagem ainda se refere ao Congresso Médico ocorrido em Porto Alegre naquele ano e a Antônio Austregésilo, que seria professor de Cyro em 1937, na então capital

¹⁴ O bilhete se encontra no Acervo Manoelito de Ornellas sob a catalogação MOR COR 0419.

federal: “Sabes que o Austregésilo é um bichão? Eu não esperava, pois o conhecia através [ilegível] veneno do Antonio Torres. De maneira que foi uma surpresa batuta” (MARTINS, 1933, p. 1).¹⁵ Na missiva de 15 de junho de 1934, Cyro (MARTINS, 1934, p. 3) falou da leitura de *Flores do mal* e fez algumas confidências: depois da morte do pai em março, a família tentava se reestruturar e o envolvimento com uma “amiga mais certa” (provavelmente a moça com quem se casaria no ano seguinte) começava a evoluir.¹⁶ Em 4 de janeiro de 1937, Cyro enviou notícias para o amigo – “Como talvez saibas, estou de viagem este mês para o Rio, onde permanecerei de 6 a 8 meses, fazendo um curso de neurologia” – e revelou seus planos: caso encontrasse “ambiente propício” no Rio de Janeiro, se candidataria “à livre-docência de neurologia” (MARTINS, 1937, p. 1)¹⁷ e ficaria por lá. As informações dessa última carta têm importância considerável, uma vez que os rastros deixados por Cyro no período carioca – quando começou, quanto durou, quando terminou – são raros.

Arquivos literários abrem variadas possibilidades de estudo e se mostram imprescindíveis na elaboração de biografias – a breve observação dos seis acervos conservados no Delfos indica isso. A tarefa de reconstruir a trajetória de um indivíduo é sempre complicada, pois é impossível recuperar a riqueza de uma vida com palavras, livros, fotografias, cartas e restos do passado. Frente a tamanha dificuldade, o biógrafo que tiver ao seu alcance qualquer pista do biografado tem mais condições de estabelecer conexões, esclarecer dúvidas e preencher incômodas lacunas. O biógrafo que se aventurar na escrita da vida de Cyro contará com um espaço de pesquisa privilegiado e, nos acervos de Cyro Martins, Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas e João Otávio Nogueira Leiria, poderá encontrar rastros que evoquem uma existência singular.

¹⁵ A carta de 5 folhas se encontra no Acervo J. O. N. Leiria sob a catalogação JNL COR 086.

¹⁶ A carta de 4 folhas se encontra no Acervo J. O. N. Leiria sob a catalogação JNL COR 003.

¹⁷ A carta de 1 folha se encontra no Acervo J. O. N. Leiria sob a catalogação JNL COR 010.

Referências

ANJOS, Cyro. [*Correspondência*]. Destinatário: Cyro Martins. Belo Horizonte, 16 jun. 1944. (Acervo Cyro Martins – Delfos/PUCRS).

APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem monarca. *Autores gaúchos* – Cyro Martins. Porto Alegre: IEL, 1984, p. 19-29.

ARTIÈRES, Philip. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998.

DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Núbia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2015.

EDEL, Leon. *Vidas ajenas: principia biographica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. *Translatio*, Porto Alegre, n. 5, p. 1-21, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42899/27134>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo. *O Acervo João Otávio Nogueira Leiria*. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1963/1/423919.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

INSTITUTO Estadual do Livro. *Autores gaúchos* – Cyro Martins. Porto Alegre: IEL, 1984.

MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários, entre o público e o privado. *In: Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 29-85.

MARTINS, Cyro. [*Correspondência*]. Destinatário: João Otávio Nogueira Leiria. Porto Alegre, 20 mai. 1933. (Acervo João Otávio Nogueira Leiria – Delfos/PUCRS).

MARTINS, Cyro. [*Correspondência*]. Destinatário: João Otávio Nogueira Leiria. Quaraí, 15 jun. 1934. (Acervo João Otávio Nogueira Leiria – Delfos/PUCRS).

MARTINS, Cyro. [*Correspondência*]. Destinatário: João Otávio Nogueira Leiria. Quaraí, 04 jan. 1937. (Acervo João Otávio Nogueira Leiria – Delfos/PUCRS).

MARTINS, Cyro. [*Correspondência*]. Destinatário: Manoelito de Ornellas. Porto Alegre, 01 out. 1943. (Acervo Manoelito de Ornellas – Delfos/PUCRS).

MARTINS, Cyro; SLAVUTZTKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.

MARTINS, Ivo. [*Correspondência*]. Destinatário: Cyro Martins. Quaraí, 14 dez. 1942. (Acervo Cyro Martins – Delfos/PUCRS).

MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre – 1927-1957)*. 2012. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61721/000864800.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 abr. 2019.

REBELO, Marques. [*Correspondência*]. Destinatário: Cyro Martins. Rio de Janeiro, 20 jun. 1944. (Acervo Cyro Martins – Delfos/PUCRS).

SALÁNKY, José. [*Correspondência*]. Destinatário: Cyro Martins. Quaraí, 26 abr. 1944. (Acervo Cyro Martins – Delfos/PUCRS).

Recebido em: 29 de abril de 2019.

Aprovado em: 20 de agosto de 2019.